

Morte no começo da vida

Silvia Agosto

O índice de mortalidade infantil no noroeste da Argentina alcançou 48 por mil em 1994, de acordo com um relatório elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Essa cifra, similar à de países africanos, é a mais elevada do país, onde se registra um índice de 23 por mil crianças que morrem antes do primeiro ano de vida.

O representante do Unicef na Argentina, Patricio Fuentes Sarmiento, lamentou que "há países com menor renda per cápita, como Uruguai ou Costa Rica, que mostram uma melhor qualidade de vida na infância". Porém, deixou claro que os índices da Argentina são comparativamente bons em relação a outras nações latino-americanas, que ultrapassam o índice de 50 por mil.

No caso do país sul-americano, as principais causas desta situação são as condições de extrema pobreza das populações do noroeste e a falta de água e saneamento. "Essas regiões ficaram excluídas do desenvolvimento nacional e precisam de tecnologias básicas de sobrevivência", explicou o representante do Unicef.

Índices alarmantes – Por exemplo, na província de Salta, situada no norte da Argentina, 72% dos habitantes vivem abaixo da linha de miséria, com as necessidades básicas insatisfeitas. A Associação de Profissionais da Saúde (Apsades) de Salta assinala que estes dados se agravam nas zonas rurais da província.

O médico Domingo Gómez, secretário geral da Apsades, enfatizou ainda que muitas crianças morrem sem ter sido nem registradas. "São crianças que morrem no campo, longe dos cartórios e seus falecimentos não são documentados", declarou.

A Apsades informou que as causas mais comuns de mortalidade infantil são a diarreia aguda e parada cardiorrespiratória por desidratação.

As péssimas condições de vida e a falta de uma política sanitária eficaz fazem com que a região noroeste da Argentina tenha um dos mais altos índices de mortalidade infantil do continente

Gómez afirmou que tais mortes se relacionam diretamente com as carências sociais e econômicas que sofre a maior parte da população: "O fechamento das minas de carvão e dos engenhos açucareiros provocou uma migração para os grandes centros urbanos e uma situação de pobreza extrema em Salta." Essas mortes, na sua opinião,

poderiam ser evitadas sem grandes investimentos, bastando a realização de programas culturais e educativos de alcance maciço.

Mortalidade também na capital – Nas zonas mais ricas da Argentina, é mais difícil identificar as causas da mortalidade infantil. Os dados registrados em Buenos Aires, a capital, também são preocupantes, já que superam a média nacional nos bairros periféricos.

Em 1994, se registraram na capital 37 mil nascimentos e 518 crianças faleceram, de acordo com um estudo realizado pela prefeitura. A maior parte dessas mortes – 56% das mortes pós-natais e 75% das neonatais – poderia ter sido evitada.

O aborto é delito na Argentina, sendo por isso realizado na clandestinidade, sem controle sanitário. As práticas abortivas provocam, muitas vezes, a morte da mãe e constituem a principal causa de mortes de adolescentes na Argentina. A falta de controle durante a gravidez tem também uma incidência direta sobre estas mortes.

O diretor do Hospital Argerich, de Buenos Aires, Enrique Rosemblat, sustenta que "a mortalidade infantil está questionando um sistema social que ainda não tem respostas para a maior parte da população". A área de influência do hospital está constituída por zonas humildes da cidade onde os controles preventivos são escassos. "As pessoas recorrem ao hospital quando têm um problema e os controles pré-natais são praticamente inexistentes", lembra Rosemblat.

Segundo o especialista, os dados da capital argentina obrigam a uma reflexão sobre o papel do hospital público na sociedade e a falta de decisão política para revalorizá-lo.

Concordando com Fuentes Sarmiento, Rosemblat considera que "é necessário vontade de agir e um compromisso do governo para evitar que essa situação se agrave".



Enterro de bebês: trágica rotina para as famílias pobres